

Influência das Línguas Indígenas

Prof. A. Tenório D'Albuquerque

II

"Explorando os indígenas e fundando a teocracia jesuítica, conservaram os missionários o idioma comum às tribos que vinham catequizando e sujeitando. Era sem dúvida mais fácil a eles, homens cultos e instruídos, aprenderem a língua dos selvagens do que fazer penetrar nos cérebros embrutecidos destes uma língua européia.

Esta razão é intuitiva. Outra havia ainda, de natureza política. Os padres não queriam e nem permitiam que os seus índios entrassem em comunicação com os europeus, espanhóis ou portugueses e portanto indispensável era o dificultar-lhes os meios de entendimento. Tinham eles em vista conservar o governo de Espanha no desconhecimento dos seus projetos e ações no continente americano.

Contra os portugueses criaram uma atmosfera de terror, que os atos bárbaros das bandeiras confirmaram sobejamente.

Puderam, com tal conduta, alcançar os seus propósitos, pois que as instituições dos jesuítas no Sul da América foram um mistério para a Europa por dilatado prazo. Tão fortes e arrogantes se julgaram os padres, que não duvidaram, em dado momento, afrontar as armas aliadas dos dois reis da Ibéria, quando estes decidiram pôr termo às lutas por questões de terras nas fronteiras meridionais do Brasil.

Vivendo com os índios, adaptando-os ao trabalho, ensinando-lhes a agricultura, a criação do gado, incutindo e desenvolvendo neles a compreensão das artes, fazendo-os confeccionar tecidos ou construir colégios e templos, elevando-lhes o espírito até a criação de monumentos de arquitetura que hoje avaramente conservamos, o padre usava e ia enriquecendo a linguagem, com que se comunicavam e que lhe transmitia o índio, a língua tupi ou guarani.

Dessa irremediável contingência, resultou a necessidade de ser profundamente estudada a língua geral; de deduzir os padres na variedade da ação da linguagem falada as leis que regiam a formação do pensamento e sua comunicação e portanto tiveram de criar gramáticas e vocabulários, fixar as regras da linguagem, erigindo tesouros — que hoje são o precioso manancial para os estudiosos.

(O Tupi Na Geografia do Rio Grande do Sul, João Borges Fortes, págs. 7 e 8).

Numerosas são, como dissemos, os vocábulos originários de línguas indígenas, sobretudo do guarani, incorporados ao léxico do dialeto gaúcho.

A contribuição indígena fez-se sentir mais acentuadamente na toponímia, na flora e na fauna.

Além disso há adjetivos como *tapejara*, *cuará*, *cutuba*, *baita* e numerosos derivados, constituídos com sufixos portugueses.

(1) Escreveu Antônio Serrano: "Los charruas son por excelencia los indígenas del Uruguay ocupaban las márgenes del río mismo nombre desde la latitud del Yapeyu aproximadamente."

(Los Aborígenes Argentinos, pág. 125 — Editorial Nova-Biblioteca).

(2) Em 9 de maio de 1831, o governo Uruguai expediu um decreto traçando normas para o tratamento a ser concedido aos escravos charruas.

Entre as obrigações das famílias, figurava: "Tratá-los bem, educá-los, cristianizá-los; o charrua que tivesse 12 anos não podia permanecer mais de 6 como escravo; a mulher que se casasse ficaria livre."

TOPONIMOS DE ORIGEM GUARANI

Atigem a centenas, os nomes de localidades, de rios, de coxilhas etc., no Rio Grande do Sul, originários de línguas indígenas.

Estamos preparando um estudo acerca dos toponimos do Rio Grande do Sul, buscando explicar-lhes a formação, a exemplo do que fez Teodoro Sampaio em *O Tupi na Geografia Nacional*.

O Rio Grande do Sul está dividido em 92 municípios. Dêles, têm nomes indígenas, os seguintes:

Bagé (possivelmente corrupção de pagé), Caçapava (caá (mate), açapava (abertura), Cacequi, Caf, Camapuã, Cangussu, Canoas, Carazinho, Gravataí, Guafaba, Guaporé, Ijuí, Traí, Itaqui, Jaguarão (em castelhaço), Jaguarí, Piratini, Quarai, Sarandi, Sepé (São), Tan Yaguarón, Yaguar (onça), on, ão, sufixo diminutivos, Taquarã, Taquari, Tupanciretã, Uruguaiana (1), isto é, nada menos de 25.

Se observarmos os distritos, encontraremos: Bagé, Aceguá, Seibal (Município de Bagé), Cacequi, Saicã, Umbu (Cacequi, cumpre notar que a denominação do município e de todos os seus distritos é feita com palavras indígenas), Camaquã e Arambaré (Camaquã), Gravataí e Morungava (Gravataí), Guaporé, Montari e Mussum (Guaporé), Ijuí, Ajuricaba (Ijuí), Iraí e Caçaras (Iraí), Itaqui e Massambará (Itaqui), Jaguarí, Jacupirama, Taquarichim (Jaguarí), etc.

Mais de 120 distritos dos municípios rio-grandenses têm denominações indígenas.

No oVI. II dos Anais do III Congresso Sul-Rio-grandense de História e Geografia (Porto Alegre, 1940), foi publicado o

VOCABULARIO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

(Conselho Nacional de Geografia e Estatística)

Na letra A, encontramos os seguintes toponimos originários de línguas indígenas:

Abaiasu (Arroio, afluente do Passo Raso)

Abaju (Arroio, afluente do Várzea)

Abaraú (Arroio, afluente do Gil)

Abati (Sanga, afluente do Moinhos)

Abaticuru (Arroio, afluente do Tapejara)

Abaxaisu (Arroio, afluente do Gil)

Abóhoras (Arroio, afluente do Oliveiras)

(1) Está por ser decidido, segundo supomos, a composição de *Uruguiana*. E evidentemente é formado de Uruguai, do nome do rio que banha a cidade. E ana? Será cabeça? Parente? Será alteração de rana, falso? Quanto a Uruguai, já foi escrito: Uruai, Uruguay, Hurnay, Huruguy, Hiruay, Hiriguay etc., divergem os autores, mas a opinião mais certa é que significa: rio dos caracóis.

César B. Pérez Colman discorre longamente sobre o vocábulo *Uruguay* em *História de Entre Rios* (Paraná, Argentina, 1936).

Abi (Arroio, afluente do Forqueta)

Acem (Arroio, afluente do Itatua)

Acangai (Arroio, afluente do Rolante)

Acangapira (Arroio, afluente do Taropi)

Acangupá (Arroio, afluente do Vacacai)

Acará (Arroio, afluente do Guaporé)

Acatu (Arroio, afluente do Chimarrão)

Aceguá (Vila e coxilha no município de Bagé)

Aguapé (Nome de dois arroios, um afluente do Toropi e outro afluente do Guaiacá)

Aguapé (Ilha no Rio Uruguai)

Aiuricaba (Arroio afluente do Vargão)

Amacupara (Arroio formador do Guassupi)

Amandá (Arroio, afluente do Monjolinho)

Amandau (Povoado na margem do rio Amandaú)

Angabá (Arroio, afluente do Paranhana)

Angapima (Arroio, afluente do Pururê)

Angatuma (Arroio, afluente do Erval)

Angico (Nome de 3 sangas e de 3 arroios)

Angori (Arroio, afluente do Lambari)

Anguá (Arroio, afluente do Forqueta)

Anguera (Arroio, afluente do Piratini)

Anta (Nome de quatro arroios e de uma cachoeira)

Apehu (Arroio, afluente do S. Lourenço)

Apiá (Sanga da margem esquerda do Peiucará)

Apiá (Sanga, afluente do Biaribu)

Apicaré (Afluente do Miau)

Apicum (Afluente do Butiá)

Apiteri (Arroio, afluente do Fão)

Apui (Rio no município de Getúlio Vargas)

Apui (Afluente do rio Uruguai)

Aqui (Arroio, afluente do Jacu)

Arabé (Afluente do Vacacai)

Aracambu (Afluente do Guarde)

Há mais seis arroios com o mesmo nome e duas vilas.

Aracangá (Afluente do Teles)

Arachanes (Afluente do Guaraperé e um povoado)

Araci (Afluente do Cateretê)

Araguari (Afluente do Forquethina)

Arai (Afluente do Aguas Claras)

Arambaré (Afluente do Basílio)

Arapacó (Afluente do Taquari)

Araponga (Afluente do Guaporé)

Arapari (Povoado próximo do Rio Passo Fundo)

Arari (Afluente do Uruguai)

Ararica (Afluente do Vacacá Mirim)

Araripe (Povoado banhado pelo Ipiranga)

Aratná (Afluente do Maricá)

Araticum (Afluente do Sebastião Alves)

Aratu (Afluente do Jacuizinho)

Aré (Afluente do Passo Fundo e de um afluente do Aranzal e um povoado no município de Sarandi)

Avaem (Afluente do Passo Fundo)

Avambai (Afluente do Acangupá)

Avaré (Afluente do José Bonifácio)

Bacopari (Afluente do São Sepé)

Baebé (Afluente do Ilha)

Baerupá (Afluente do Basílio)

Bagé (Nome de um rio e de importante cidade, sede do município do mesmo nome).

Baguais (Serra dos... município de Vacaria)

Baitaca (Afluente do Várzea)

Baré (Afluente do José Velho)

Baribu (Afluente do Itatiri)

Batinga (Nome de dois arroios e de dois povoados)

Batovi (Nome de duas serras, uma no município de S. Francisco de Assis e outra no de S. Gabriel).

Batu (Afluente do Ivaí)

Batuera (Afluente do Arambaré)

Biaruju (Afluente do Ijuí)

Biaretá (Arroio no município de Sarandi)

Blasus (Afluente do rio das Antas)

Bobulá (Afluente do Espeto)

Bocaiuva (Povoado banhado pelo rio Duvidoso)

Boimiritá (Afluente do Guaçu)

Boitiba (Afluente do 1º. de Março)

Bojuru (Nome de um arroio, de uma lagoa, de um distrito)

Burati (Nome de dois arroios)

Buricá (Nome de um rio e de um arroio)

Bariti (Nome de três arroios e de uma vila)

Butiá (Nome de cinco arroios e de uma vila)

Butuí (Nome de uma ilha no Uruguai e de um rio, afluente do Uruguai)

Relacionamos aí, os toponimos indígenas iniciados somente por A e B. Se desejássemos apresentar a relação completa, isto é, com palavras começadas pelas demais letras, reuniríamos várias centenas de toponimos originários das línguas indígenas.

Copioso é, igualmente, o número de vocábulos de procedência indígena, sobretudo guarani, usados na flora e na fauna do Rio Grande do Sul. Entre outros, podemos citar:

Aguai, aguapé, anta, aracá, baiacu (ou maitaca), barbaquá, batará, batura, biguá, butiá, caetetu, cambotá, camboim, camoatim, capoeira, capororoca, cará, caracu, caragatá, ceibo, chimando, chipa (espécie de pão), Chiru, coati, crueira, curruíra, gerivá, grachain, gravatá, grumatá, guacatunga, guatambu, guatapará, guabioba (ou guavirova) guarupu, guaxuma, imbirá, inambu, inhame, inhanduvá, ipé, irapua, iratim, itaimbé, jacuba, jacu, jacutinga, jaguané, jaguar, jaguareté, jacuará, jaté, jaruba, macuco (macuco), mandacá, mandarua, mandori, mangagá, maranduvá, mate (1) miculim, mio-mio, munhata, mutuca, nhandiá, nhandu, nhanduvá, paca, piá, pati, pixurum, (puxirum ou puxirão), piguancha, piruá, piraguá, pitanga, pixaim, pixuá, porongo, samambaba, samburá, sanga, sapiranga, sarandi, serelepe, seriema, tabatinga, tacuru, taiacu, taimbé, tajubá, tangará, tanguari, tapidu, tapir, taquara, tarumã, tatu, timbaúva, tipiti, umbu, uru, urumbeba, urupuca, urutáu.

Além desses mais de cem vocábulos a que poderíamos acrescentar muitos outros como: guri, pinguancha (2), baita, barbaquá, caracu, chiru, jueira, maçapari, pinguancha (2), moquear (3) sapiranga, tabatinga, xanguí, baita, barbaquá, caracu, chiru, cutuba, girau, gurupa, itaimbé. Cumpre salientar que já se formaram numerosos derivados híbridos, com elementos portugueses, como: taquaral, guabiobeira, capoeiral, gerivazeiro, guaporitizeiro etc.

(1) Alguns autores equivocadamente dão *mate* como originário do quichua, entre eles: Manuel Lizondo Borda em *Estudio de Voces Tucumanos* e Torres Rubio em *Vocabulário breve en la lengua quichua de los vocablos más ordinarios*.

(2) Cezimbra Jacques considera *pinguancha* originário de guachan, moça (*Assuntos do Rio Grande do Sul*, pág. 170). Desconhecemos o vocábulo *guachan*. Para indicar moça, em guarani é geralmente empregado *cunhata-i*. Usa-se também: *tairucu*, *cunumbuçu*.

Luis Carlos de Moraes prefere a forma *biguanda* (*Vocabulário Sul-Rio-Grandense*, pág. 179).

(3) Moquear vem de moça-en (assar).

(2) Segundo alguns autores, *charrua* significava somos inquietos, formado de *cha* (somos) e *arru* (inquieto). Vicente Fidel Lopez, historiador argentino, afirma que *charuhas* significava destruidores.

A propósito dos *charruas*, escreveu Daniel G. Brinton: "Os *charruas* constituíam uma nação bárbara que vivia na extensa planície que vai da margem do Paraná até a costa. Eram selvagens e destemidos, não tinham vivendas fixas e eram muito destros no manejo das boleadoras." (*La Raza Americana*, pág. 288, Editorial Nova, Buenos Aires, 1946).

Pedro Lozano (*Historia de la Conquista de Paraguay*, tomo I, pág. 407, Buenos Aires, 1873) aponta como um dos costumes dos *charruas*, cortar a articulação de um dedo, cada vez que lhe morria um parente. Em consequência disso, eram numerosos os índios mutilados.